



CMUHE036629

COSTA, Maria Teresa. Morador cria Museu do Negro no Cambuí: casa em processo de tombamento na Emílio Ribas já abriga documentos de família que ajudam a contar a história do bairro e da cidade. Correio Popular, Campinas, 18 ago. 2002.

Depois de se revoltar com o Conselho de Defesa do Patrimônio Artístico e Cultural de Campinas (Condepacc), que abriu processo de tombamento de sua casa, no Cambuí, o proprietário Agostinho dos Santos, de 77 anos, assimilou de tal forma o fato de ter uma casa com importância histórica que decidiu transformá-la em um espaço cultural para abrigar o Museu do Negro. A casa de número 1.468, na Rua Emílio Ribas, deverá, assim, se tornar um novo espaço cultural da cidade.

“Quero preservar a história da minha família e da comunidade negra de Campinas”, diz Agostinho, membro da antiga Guarda Civil, que vive na mesma casa desde que nasceu. Por enquanto, o museu tem um acervo modesto, mas importante. Nas pare-

des estão reproduções de documentos da família, fotografias, mas ele está aberto a receber e cuidar de tudo o que chegar a suas mãos e que possa ser testemunho da história da comunidade negra na cidade.

Está na parede, emoldurada, a Carta de Cocheiro emitida em nome de Adão Bernardino dos Santos (pai de Agostinho), em 22 de março de 1922. Há também um diploma de contribuinte da Associação Humanitária Operária

Campineira, datado de janeiro de 1932; e cópias de documentos da Corporação Musical Campineira e da Liga Humanitária dos Homens de Cor. O avô de Agostinho foi um

dos primeiros cocheiros da cidade e um dos fundadores do Cambuí.

A região onde está a casa, construída em 1907, era chamada de Vila dos Cawboys (*sic*). Era uma região reduto da comunidade negra. “Havia muitos cortiços por aqui, mui-

tas chácaras e o comércio nascente”, informa o morador.

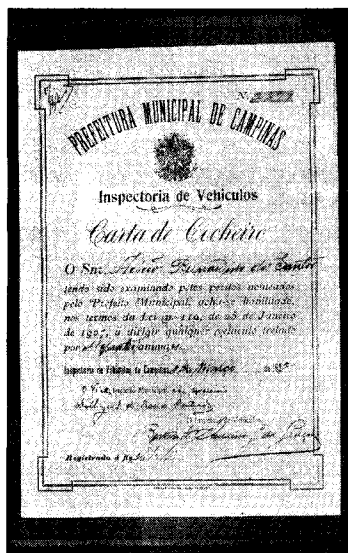
O professor Geraldo Ferreira Mendes, vizinho de Agostinho, autor do pedido de tombamento da casa, é um dos maiores incentivadores da instalação do Museu do Negro. “O Agostinho tem muita coisa para contar sobre a história da comunidade e está bastante animado em poder ajudar a preservar a história das famílias negras de Campinas”, diz.

Por enquanto, a montagem do museu está acontecendo com materiais da própria família, mas o professor tenta sensibilizar a comunidade para que o espaço receba recursos do Orçamento Participativo (OP). Por duas vezes, o pedido já foi levado, mas não chegou a ser incluído nas prioridades. “Precisaremos buscar alguma fonte de recursos para restaurar a casa e garantir algum rendimento para o proprietário”, diz Mendes.

Agostinho está usando parte da casa com as peças do museu. Ele adquiriu uma nova casa e planeja se mudar,

deixando todos os 150 metros do imóvel para o museu. Mas, desde que começou a se entusiasmar com a idéia de um espaço cultural, está adiando a mudança só para poder ficar, com a esposa Regina, mais perto de seu acervo.

Quem quiser mais informações ou colaborar para a implantação do museu deve fazer contato pelo telefone (19) 3295-2233.



Carta de Cocheiro, de 1922, emitida para Adão dos Santos



